

# humanitas

**Vol. XXXVII-XXXVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXVII-XXXVIII



C O I M B R A

MCMLXXXV-MCMLXXXVI

Ilustrado com nove figuras e mapas que se dispõem ao longo do texto e com 91 fotografias colocadas no fim do volume (pp. 223 sgg.), nele são tratados os seguintes assuntos:

- «A topografia de Tirteu e as Guerras Messénicas»
- «A estrada de Pausânias de Megalópolis à fronteira Lacónia»
- «A estrada ao longo do curso superior do Alfeu»
- «A estratégia da campanha de Plateias»
- «Caminhos sobre o Hélicon, de Téspias a Lebadia»
- «A Lócrida oriental revisitada»
- «Em defesa da passagem das Termópilas»

A enumeração dos capítulos é, por si, elucidativa do vasto âmbito de assuntos e do seu interesse. Trata-se de um livro feito com saber e cuidado e com a segurança a que Pritchett já nos habituou.

J. RIBEIRO FERREIRA

CLAUDE MOSSÉ, *As Instituições Gregas*, Lisboa, «Edições 70», Col. *Lugar da História*, 1985.

MICHEL AUSTIN e P. VIDAL-NAGUET, *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*, Lisboa, «Edições 70», Col. *Lugar da História*, 1986.

PIERRE GRIMAL, *O Teatro Antigo*, Lisboa, «Edições 70», Col. *Lugar da História*, 1986.

As «Edições 70» acabam de publicar, em tradução portuguesa mais três obras úteis no âmbito dos Estudos Clássicos — as duas primeiras situam-se no campo da história e cultura gregas e a terceira apresenta uma rápida panorâmica sobre o teatro na Grécia e em Roma —, integradas na colecção *Lugar na História*, onde já anteriormente havia aparecido, no campo da Antiguidade Grega, a importante obra de M. I. Finley, *Os Gregos Antigos*, de que já dei notícia em número anterior desta revista (35-36, 1983-1984, pp. 457-459).

A partir de agora o acesso a estes livros de Cl. Mossé, de M. Austin e P. Vidal-Naquet e de O. Grimal torna-se mais fácil para os leitores de língua portuguesa. Os dois primeiros foram publicados no original, na colecção «U<sup>2</sup>» da Armand Colin e constituem-nos, como é norma da referida colecção, duas secções: a primeira de carácter expositivo, de apresentação; a segunda formada por uma selecção de textos

gregos traduzidos que servem de apoio e de fontes. O de P. Grimal foi publicado na Col. «Que sais-je?» e apresenta uma rápida panorâmica sobre o teatro na Grécia e Roma.

*As Instituições Gregas* de Cl. Mossé procuram, de forma sucinta, estabelecer a origem, traçar a evolução e mostrar o funcionamento das mais significativas instituições dos três principais tipos de Estados gregos: democracias, oligarquias e federações. Formam, portanto, o livro três grandes partes — as instituições da democracia ateniense (pp. 15-81), as instituições oligárquicas (pp. 83-115) e as federações de cidades (pp. 117-150) —, precedidas de uma introdução (pp. 9-13), em que se dá uma notícia rápida da origem e desenvolvimento da pólis, e seguidas de um apêndice de textos gregos traduzidos (pp. 153-208), de apoio à exposição. Essas partes encontram-se divididas em capítulos e subcapítulos.

Se é de louvar a iniciativa e o esforço das «Edições 70», não posso deixar de lamentar o facto de a tradução não ter sido feita com o cuidado devido, apresentando lapsos que desvalorizam a obra e prejudicam a sua utilização. Aponto de seguida alguns exemplos.

A transcrição dos termos gregos é realizada directamente da edição francesa, sem sofrer a devida adaptação ao português: *génè*, *Komè*, *Boulè*, *misthòs*, etc. Este tipo de acentuação adaptado ao francês, provoca evidentemente uma distorção na pronúncia de tais palavras. A mesma observação se aplica às duas outras obras traduzidas, em especial ao *Teatro Antigo*, onde aparece *skéne* por *skênè* (pp. 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 32, 58), *paraskénia* por *paraskénia* (pp. 18, 19, 24, 58), *proskénion* por *proskénion* (pp. 19, 20, 24, 25), *ekkykléma* por *enkyklema* (p. 22), *mechané* por *mechané* (p. 23), *odé* por *odé* (p. 30), *kómé* por *kóme* (p. 35), *komos* e *komoi* por *kómos* e *kómoi* (pp. 35, 36, 37, 55, 57, 80), *agón* e *agones* por *agôn* e *agônes* (pp. 36, 56, 66, 67, 101), *areté* por *aretê* (p. 71).

- p. 22, linhas 14-15 — a frase «mas o casamento foi consumado» não está correcta. Diz-se precisamente o contrário: *mas o casamento não foi consumado*.
- p. 35, linha 37: «de que era o corolário» não dá sentido. O original tem «qui en était le corollaire», em que *en* se refere sem dúvida a «continuação da guerra contra a Pérsia». Portanto, só faria sentido uma tradução como *que daquela era o corolário*.
- p. 36, linhas 4 e 7: será preferível a forma *cleruquia*. «Clerúquia» não está de acordo com a tendência da língua portuguesa para acentuar na penúltima as palavras terminadas em *ia*. Vide também p. 156, linha 32. O mesmo se diga de «docimásia» (p. 37, linha 22; p. 62, linha 22; p. 63, linha 5; p. 64, linha 17; p. 66, linha 8; 164, linhas 17 e 18). É preferível a forma *docimasia*.
- p. 44, linhas 12 e 13 — aparece «delegação», naturalmente por lapso, quando o original apresenta *délation* → «delação».
- p. 46, linha 2: *Económico* não está de acordo com o que vem no original *Les Révenus*. Xenofonte também escreveu um opúsculo chamado *Econó-*

*mico*, mas não se trata da obra aqui mencionada. Esta será melhor traduzi-la por *Os Rendimentos*.

- p. 91, linha 35: não *syssiton*, mas *syssition*, como vem no original. O mesmo na p. 92, linha 2; p. 97, linha 32; p. 98, linha 25; p. 105, linha 14; p. 106, linha 39.
- p. 127, linhas 33 e antepenúltima: «sinédrios» não é a forma correcta. O original tem «synédres» — os membros do sinédrio. Deve, portanto, utilizar-se *sínedro*, se se quer manter o termo grego e do original, como aliás acontece na pág. 129, linha 1. Vide também p. 129, linha 9.

— indicamos a seguir alguns lapsos ou gralhas que podem induzir em erro os leitores:

- p. 23, linhas 16-17: «monotetas» por «nomotetas»
- p. 42, linha 17: «monotetas» por «nomotetas»
- p. 57, linhas 7 e 34: «séc. IV» por «séc. V»
- p. 58, linha 39: «nos *Discursos*» por «no *Discurso*»
- p. 73, linha 18: «*Areopagítica*» por «*Areopagítico*»
- p. 83, linha 24: «500» por «550»
- p. 104, penúltima linha: «duas *pythoi*» por «dois pítios»
- p. 113, linhas 11 e 24: «*aisymneter*» por «*aisymmeta*»
- p. 121, linha 18: «séc. VII» por «Séc. V»
- p. 126, linha 34: «*Metona*» por «*Metimna*»
- p. 130, linhas 21, 31 e 38: «*os syntaxis*» por «*as syntaxeis*»
- p. 143, linha 12: «*Mantineia*» por «*Menácios*»
- p. 168, linha 32: «*Átia*» por «*Acte*»
- p. 171, linha 29: «os *Euménides*» por «as *Euménides*».

A *Economia e Sociedade na Grécia Antiga* de M. Austin e P. Vidal-Naquet, numa tradução cuidada e de confiança, oferece um óptimo instrumento de trabalho para alunos e quantos se dedicam ao estudo da sociedade da Grécia antiga. Tanto a parte expositiva como a antologia de textos se encontram divididas nos capítulos seguintes:

- «Conceitos e problemas gerais»
- «O mundo homérico»
- «A época arcaica (VIII-VI séculos)»
- «Esparta e as cidades arcaicas»
- «A Atenas clássica»
- «As cidades gregas e os problemas económicos»
- «O tempo das crises»

que se subdividem, por seu lado em alíneas.

A parte de apresentação — embora não muito desenvolvida como é natural em obra deste tipo —, bem informada e segura, trata temas importantes que se apoiam nos textos da segunda parte, de que são ao mesmo tempo explicitação. Eis alguns desses assuntos: carácter da economia da Grécia antiga e diferenças em

relação à economia actual; características e extensão da escravatura grega; desenvolvimento da pólis e tipologia dos Estados gregos. a democracia ateniense e suas características; o declínio da pólis no século IV com a acentuação progressiva dos problemas económicos e sociais. Enfim, uma obra importante e muito útil que as «Edições 70» mais uma vez tornam perfeitamente acessível a todos quantos se dedicam ao estudo da sociedade da Grécia antiga. Por isso, deixo aqui o meu aplauso, tanto mais que se trata de um trabalho bem apresentado e traduzido com cuidado.

Evidentemente como é natural e se compreende em obra tão extensa, aparece um ou outro lapso. Vou apontar algumas dessas deficiências — umas, segundo tudo indica, em consequência de dessincronia de método entre os dois tradutores; outras derivadas, possivelmente, de gralhas ou de insuficiência de revisão — no sentido de contribuir para o aperfeiçoamento de uma futura edição e de possibilitar aos leitores uma utilização sem qualquer precalço do livro.

- Os etnónimos aparecem na primeira parte com minúscula e nos textos com maiúscula. Apesar das normas ortográficas portuguesas determinarem o uso da maiúscula, seria desculpável o uso de minúscula, se assumido por opção de princípio e utilizado coerentemente em todo o livro.
- Em lugar da forma feminina *Económica*, para a obra da escola de Aristóteles (p. 22, linha 29; p. 120, linha 16; p. 145, última linha; p. 146, linha 14 e 15-16; p. 155, linha 2; p. 156, linha 18; p. 157, linha 32), deve usar-se o masculino *Económico*, como aliás faz na página 164 para a obra de Xenofonte com igual título.
- Nem sempre as remissões foram adaptadas à edição portuguesa; em alguns pontos, talvez por lapso, foram mantidas as do original e em outros o «n» (inicial de *nota*) foi transformado em «n.º», o que prejudica a consulta, sempre que na obra se remete de um lado para o outro. Aponto a seguir, na intenção de facilitar a consulta dessas referências cruzadas, os pontos a corrigir.

<i>pág.</i>	<i>onde se lê</i>	<i>deve ler-se</i>
37, n. 39	n.º 1, p. 42	n. 41, p. 40
70, n. 18	p. 11, n.º 1	p. 15, n. 1
110, n. 18	p. 26, n.º 1	p. 27, n. 16
184, n. 108	pp. 23	pp. 25
201, n. 10	n.º 2, p. 67	n. 5, p. 62
240, n. 36	pp. 70 segs.	pp. 69-70
250, n. 6	n.º 2, p. 43	n. 43, p. 40
259, n. 58	n.º 10	n. 52
266, n. 85	n.º 14	n. 73
266, n. 86	n.º 19	n. 78
294, n. 95	n.º 11	n. 91
304, n. 140	p. 11, n.º 1	p. 15, n. 1

- p. 19, linha 14: em «clube político de cidadãos, tributo», falta texto que se encontra no original. A frase completa é a seguinte: «clube político dos cidadãos, que redistribuía aos seus membros os produtos da guerra, tributo».

- p. 60, linha 10: aparece por lapso «instruções» em vez de «instituições».
- p. 81, linhas 3-4: aparece, talvez por lapso ou gralha, a afirmação «Sólon teve o cuidado de redistribuir o solo». O original diz precisamente o contrário. Talvez falte um *não*.
- p. 101, linha 21: surge, talvez por gralha, «alienável»; no original vem «inalienável».
- alguns lapsos ou gralhas podem induzir em erro os leitores do livro, pelo que as indicamos aqui:

- p. 99, linha 6: «efeitos» por «efebos»
- p. 115, linha 21: «racionais» por «nacionais»
- p. 142, linha 12: «Sicília» por «Itália»
- p. 142, linha 22: «366» por «336»
- p. 143, linha 20: «A Chipre» por «em Chipre»
- p. 163, nota 31: «capítulo» por «livro»

A iniciativa meritória das «Edições 70» não fica ensombrada por estas observações que não visam também por em causa o valor da tradução. Deficiências e lapsos aparecem quando menos se espera. Pretende-se tão somente evitar precalços na utilização da obra pelos leitores e contribuir para um aperfeiçoamento futuro. O livro de M. Austin e P. Vidal-Naquet é de grande importância para o estudo da cultura e história gregas e quantos se interessam por essas matérias têm agora a possibilidade de o manusearem de forma mais rápida e acessível.

O *Teatro Antigo* — publicado, no original, na colecção «Que sais-je?» — analisa os aspectos materiais, as origens, os temas tratados e faz uma breve alusão aos principais autores e peças. São os seguintes os caps. que constituem o livro:

- «O local do espectáculo»
- «A formação dos géneros dramáticos»
- «A tragédia grega clássica»
- «A comédia antiga»
- «A comédia nova»
- «Nascimento do teatro em Roma»
- «A tragédia em Roma»
- «A comédia romana»

Trata-se de um livro útil, não tanto para o ensino superior, dada a sua generalidade — para esses seria preferível a tradução do livro de H. C. Baldry, *The Greek Tragic Theatre*, para a tragédia, e o de F. H. Sandbach, *The Comic Theatre of Greece and Rome*, para a comédia —, mas em especial para o ensino secundário, onde poderá ser um óptimo auxiliar. Por isso é de louvar a iniciativa das «edições 70». Só é pena que, tal como acontece nos volumes anteriormente analisados, a tradução e a revisão não tenham sido mais cuidadas. Lapsos, gralhas, incorrecto aporluesamento de nomes ou deficiente transcrição de termos gregos, para além de outras deficiências, desvalorizam um pouco a obra. Vou apontar alguns exemplos.

— A adaptação dos nomes, gregos e latinos, à língua portuguesa nem sempre foi feita de forma correcta, umas vezes por acentuação deslocada, outras por gralha evidente, outras ainda devido à influência da forma francesa. Alguns exemplos:

- «Dionísio» por «Dioniso» — pp. 16, 18, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 53, 58, 60, 92. Dionísio é nome de pessoa; o do deus é Dioniso.
- «Elenteras» por «Eleuteras» — p. 16, linha 11.
- «Coirilos» por «Quériilo» — p. 34, linha 21.
- «Dejanina» por «Dejanira» — p. 49, linhas 15, 16, 19, 23-24.
- «As Traquinianas» por «As Traquírias» p. 44, linha 29; p. 49, linha 14.
- «Euristeia» por «Euristeu» — p. 51, linha 1.
- «Ouíónides» por «Quiónides» — p. 54, linha 6.
- «Crátino» por Cratino» — p. 54, linhas 12, 14, 17, 25, 27.
- «Eupolis» por «Ēupolis» — p. 54, linhas 13, 25.
- «Diclópolis» por «Diceopólis» — p. 55, linha 27.
- «Ploutos» por «Plutos» — p. 65, linhas 1, 10, 13, 15, 20; p. 66, linha 3; p. 67, linha 15; p. 72, linha 18.

- Por vezes os títulos de obras que, no original, se encontram em itálico surgem em redondo na tradução. É o caso de «*O Ciclope* (p. 33, linha 26). *Suplicantes* (p. 48, linhas 3-4), *Plutos* (p. 66, linha 3 e p. 67, linha 15).
- Utiliza a forma feminina dos adjectivos, pronomes e artigos na concordância com o plural neutro *cantica*, quando devia usar o masculino: p. 83, linhas 6, 8 e 34; p. 84, penúltima linha; p. 85, linha 7; p. 97, linha 14; p. 107, linha 26.
- p. 14, linha 4: aparece, por lapso, «séc. IV a.C.» por «séc. VI a.C.
- p. 28, linha 24: nota-se um hiato a seguir a palavra «caso» e falta a seguinte frase que vem no original: «é permitido supor — já que Heródoto fala de tragédia — que Aríon tinha imaginado introduzir no poema a figura de Adrasto a cantar as suas desventuras ou, talvez, a dialogar com o coro».
- p. 44, linha 29-30: «são muito menos numerosas» não corresponde ao que está no original — «ils sont três nombreux».
- p. 74, linha 9: aparece «laicos», por lapso, em vez de «lacaíos».
- p. 95, linha 6: Falta um *não* na frase «o que podia representar» para que tenha sentido. Deve ser: «O que não podia representar».
- p. 103, linha 4: «obra em 211» por «obra entre 211».
- Nitidamente por gralha, aparece «edismos» por «eolismos» (p. 10, linha 30), «dançava e cantava» por «dançavam e cantavam» (p. 16, linha 16), «no ritmos» por «de ritmos» (p. 42, linhas 20-21), «do commos» por «de commos» (p. 44, linha 7) «pheyakes» por «phlyakes» (p. 61, linha 7), «imortalidade» por «imoralidade» (p. 71, penúltima linha), «canto mímica» por «canto e mímica» p. 84, linhas 21-22), «da *De divinatione*» por «do *De divinatione*» (p. 96 última linha), «cantiga» por «cantica» (p. 107, linha 26), «que libertou» por «que o libertou» (p. 110, linha 18), «com» por «como» (p. 114, linha 27).



— E a finalizar duas observações motivadas não tanto pela versão portuguesa, mas já pelo que vem no original:

- na pág. 17, linhas 12-13, aceita-se que os actores da tragédia utilizavam «sapatos de sola espessa, o coturno». Ora hoje sabe-se, pelas representações em vasos, que o coturno consistiu num botim flexível.
- p. 117, linha 21, fala-se de um «*Agamémnon* de Plauto». Trata-se de um lapso. Grimal queria com certeza referir-se ao «*Agamémnon* de Ésquilo».

Com a publicação das traduções de *Instituições Gregas* de Cl. Mossé, de *Economia e Sociedade na Grécia Antiga* de M. Austin e P. Vidal-Naquet e de *O Teatro Antigo* de P. Grimal, as «Edições 70» dão mais um contributo para a divulgação, em língua portuguesa, de trabalhos importantes relativos à Antiguidade clássica.

Por tudo isto não posso deixar de renovar o meu aplauso e fazer votos para que as «Edições 70» continuem a obra meritória de dar aos leitores portugueses obras que permitam um melhor conhecimento da Grécia e Roma na Antiguidade. É no entanto desejável que alguém, dentro dos assuntos versados, lhes dê uma leitura prévia antes da sua impressão e que a revisão de provas seja mais cuidada.

J. RIBEIRO FERREIRA

**J. TRINDADE SANTOS, Antes de Sócrates. Introdução ao estudo da filosofia grega: Lisboa, Publicações Gradiva, 1985, 331 pp.**

Um empreendimento que ninguém por certo julgará fácil: dar um corpo de pensamento unitário, estabelecer linhas prováveis e coerentes de evolução entre os pensadores gregos que antecederam Sócrates — tomando como base de apoio (naturalmente frágil) os fragmentos que nos chegaram por via de Platão e de Aristóteles e, sobretudo, de comentadores posteriores.

O estudioso de Filosofia Antiga sabe bem quanto este trabalho tem de «exploração arqueológica»: o escasso material disponível não esgota a sua significação numa presença meramente factual, requer ainda uma delicada e subtil análise de «estratos» (a nível linguístico, histórico, cultural ...) que torna particularmente difícil o seu tratamento. Acresce que se, em princípio, os fragmentos apresentados em forma de transcrição não põem grandes dúvidas quanto à versão original (1),

---

(1) Não nos parecem de subscrever as dúvidas levantadas a este respeito em comentário ao fr. 12 B de Anaximandro (p. 72). As epítomes, antologias ou compêndios de obras de Pré-socráticos, cujo uso parece ter sido inaugurado por Hípias